

European Union – Brazil Forum on Internationalisation of Higher Education
Bruxelles 24 février 2014

Boosting EU-Brazil cooperation and the internationalization of higher education

European Universities views and experiences

Jacques Comby Président de l'Université Jean Moulin, Président de la Commission des Relations
Internationales et des Affaires Européennes de la Conférences des Présidents d'Universités

Senhoras e Senhores representantes do Governo da República brasileira,

Senhoras e Senhores representantes da União Europeia e dos países membros,

Senhoras e Senhores representantes de universidades,

Caros colegas,

Foi com uma emoção particular que recebi e aceitei a proposta de ser um dos palestrantes deste dia.

Esse sentimento tem, é claro, sua origem na honra que me foi feita de poder dirigir-me a vocês, tanto em nome da Conferência francesa dos Presidentes de Universidade, como representando o conjunto das universidades europeias.

Mas se eu falo de emoção, é também porque este dia está sob o signo de nossa relação comum com o Brasil. Se me permitem um breve momento de exposição de uma história pessoal, lembro-me aqui do jovem geógrafo que eu era, e que encontrou pela primeira vez esse grande país desembarcando em Belém do Pará nos anos oitenta. O tempo passou, e hoje eu sou o Presidente de uma universidade que desenvolve numerosas parcerias com universidades brasileiras. Seria o caso, sem esse encontro inicial, sem essa necessidade de uma relação com o Brasil que então se impôs em meu espírito ? Sem

dúvida não, e é com base nisso que irei abordar agora um assunto mais institucional, e mais político.

Os atores do encontro e da construção de uma história comum não valem apenas nos casos individuais. Eles são também operantes no nível das entidades coletivas, e portanto no nível das instituições que nós representamos aqui. Entre a Europa e o Brasil – e eu diria, para além do Brasil, toda a América do Sul em torno dele –, esse encontro já é antigo. Se ele não foi sempre colocado sob um signo positivo, ele ao menos deu forma a dois mundos ao mesmo tempo diferentes e parentes, e isto em um grau incomparável. Esse parentesco transatlântico é nossa força e nosso horizonte. Mas eu pergunto : nosso futuro, econômico, político, intelectual, é possível sem nos darmos conta desta comunidade de fato, e sem elaborarmos juntos as ferramentas destinadas a torná-la cada dia mais concreta ?

A Europa do ensino superior é certamente uma Europa aberta para o mundo. Não há, nesse caso, rede mais internacional e mais aberta do que a das universidades, de seus professores, de seus pesquisadores, de seus estudantes. O mundo das universidades é o mundo da circulação e do compartilhamento do saber, é um mundo que suporta mal as fronteiras. A responsabilidade da União Europeia é, portanto, a de acompanhar essa evidência, e de dotar cada um dos cidadãos, e em primeiro lugar os mais jovens, dos instrumentos e das competências necessárias a um pleno exercício dessa mobilidade.

Recentemente, no verão de dois mil e treze, a Comissão Europeia adotou um documento estratégico intitulado « O ensino superior europeu no mundo ». A estratégia definida ali está baseada em dois pilares a priori contrários, mas de fato complementares:

- Primeiramente, que cada jovem diplomado na Europa possa obter as competências necessárias para um exercício profissional em qualquer lugar do mundo;
- Em segundo lugar, que a Europa seja o destino privilegiado dos estudantes do mundo inteiro.

Os desafios são claros. Enquanto, no mundo, o número de estudantes matriculados no ensino superior atingirá os quatrocentos milhões em dois mil e trinta, ou seja, uma multiplicação por quatro em trinta anos, o número de estudantes em mobilidade certamente ultrapassará os sete milhões – o que continua sendo uma minoria, mas uma minoria estratégica. A Europa é, hoje, o destino de cerca de quarenta e cinco por cento desses estudantes, e existe um verdadeiro desafio em manter essa posição no futuro, uma vez que os países que mais enviam estudantes em mobilidade ao exterior, tornam-se eles mesmos, progressivamente, destinos fortemente atrativos.

Desde que o Brasil começou a desenvolver um programa muito ambicioso de mobilidade, o « Ciência sem Fronteiras », o país projetou-se radicalmente no cenário do que pode ser visto como uma das maiores competições do século vinte e um. Apesar do programa já comportar um conjunto de medidas de financiamento para acolher estrangeiros, o foco

se dirige principalmente a essa forte onda de jovens estudantes percorrendo o mundo para estudar com o apoio de seu governo.

Me pergunto se o Brasil poderá se furta a uma estratégia de atratividade massiva, que seria complementar ao seu investimento na internacionalização de seus próprios estudantes ? À imagem de um outro ator importante como a China, para onde já convergem sete por cento das mobilidades mundiais, parece claro que o Brasil deva também se colocar esta questão.

Os discursos de todas as origens se contentam em descrever esses movimentos sob o ângulo da competição e do mercado. Seria sem dúvida ingênuo negá-lo, na época da construção de economias cada vez mais globalizadas e baseadas no conhecimento. Mas eu estou convencido – e sei que não sou o único nesta sala – que há outros modelos a construir entre o Brasil e a Europa, baseados em uma lógica de cooperação e de desenvolvimento de interesses mútuos.

Tanto quanto as políticas públicas que as acompanham, as universidades, e principalmente as universidades públicas, têm um papel maior a desempenhar nesse cenário. Nós devemos nos comprometer, juntos, no caminho da construção de dispositivos cada vez mais estruturantes e sustentáveis. A criação de diplomas conjuntos, de redes de instituições, de programas pedagógicos inovadores, de dispositivos que aliem ensino e pesquisa, de trocas de práticas de qualidade, é uma passagem obrigatória para o futuro de nossas relações.

Nós somos também conscientes que a internacionalização de nossas instituições passa por uma reflexão sobre a grande proporção de nossos estudantes que não conhecem nenhum percurso no exterior. Conforme a famosa expressão, essa lógica da internacionalização “em casa” repousa sobre a idéia de que as competências necessárias para navegar em um mundo global podem também ser adquiridas em sua própria universidade, através da aprendizagem das línguas, das práticas de ensino virtual ou do acolhimento de representantes de instituições estrangeiras. Vou dar um exemplo nesse sentido: no momento em que um grande número de universidades francesas – e outras européias – preparam a instalação de representações permanentes dentro das instituições parceiras no Brasil, a reciprocidade seria uma inovação importante. Às carências da mobilidade dos estudantes, pode responder o desenvolvimento da mobilidade das instituições. Os estudantes europeus poderiam perfeitamente freqüentar, aqui mesmo, cursos ministrados por colegas brasileiros.

Lançado em mil novecentos e oitenta e sete, o programa Erasmus, ator emblemático da construção do espaço europeu de ensino superior, já tem mais de vinte e cinco anos. Ele acaba de ser relançado de maneira amplificada, sob o nome de « Erasmus+ », programa que deveria ser dotado de quatorze vírgula oito (14,8) bilhões de euros para os próximos sete anos, ou seja, quarenta por cento a mais que os programas que o precederam. Mais globalmente, Erasmus+ se inscreve na vasta estratégia de ensino, pesquisa e inovação européia, que, sob o nome de “Horizonte dois mil e vinte”, ou “Horizonte vinte-vinte”, aportará mais de oitenta bilhões de euros de orçamento, complementando os aportes dos Estados membros da União Européia.

A construção da Europa por meio desses grandes programas dedicados ao conhecimento, é um objetivo a ser incessantemente construído e reconstruído. Mas o novo programa Erasmus+ constata, decididamente, a necessidade de projetar-se em um mundo global, e uma parte notória de seus orçamentos será destinada à cooperação com nossos parceiros não-europeus, e entre eles o Brasil.

Os estudantes europeus poderão, assim, obter financiamentos para estudar no Brasil, e também os estudantes brasileiros poderão vir estudar nas universidades européias. Essa possibilidade será ainda mais reforçada no contexto de diplomas de pós-graduação conjuntos.

Dito isto, onde os governos se esforçam para abordar questões difíceis e encontrar soluções para elas, o papel das universidades é, ao contrário, colocar os problemas e ativar a reflexão. Dizendo claramente, o futuro de relações plenamente recíprocas entre universidades européias e brasileiras passará por duas realidades já incontornáveis:

- De início, enquanto os poderes públicos de um lado e de outro desenvolvem imponentes programas de financiamento das mobilidades e da pesquisa, o desenvolvimento de dispositivos de financiamento misto, pilotados conjuntamente pelo Brasil e pela Europa, seria uma potente alavanca para a cooperação, e para a partilha tanto das responsabilidades como dos frutos do conhecimento;

- Em seguida, o trabalho de aproximação, ou, em todo caso, de “traduzibilidade” dos sistemas de ensino superior, isto é, dos cursos e diplomas, passa a ser um objetivo que não pode ser ignorado. A confiança na qualidade de nossos respectivos programas de formação deve se instalar de maneira duradoura, e nossos estudantes, futuros profissionais ou futuros colegas dentro de um espaço de circulação euro-brasileiro, devem poder estar seguros quanto ao reconhecimento de suas aquisições, de onde quer que venham.

A questão linguística será evidentemente central nesse panorama. Ela é, antes de tudo, na Europa, um desafio de comunicação entre seus próprios cidadãos – brincamos, às vezes, dizendo que a língua oficial da Europa é a tradução. Mas quantos progressos ainda a fazer: somente quarenta por cento de nossos estudantes atingem um nível autônomo em uma outra língua, e dentre eles somente um quarto possuirá também uma segunda língua estrangeira. Para responder a esse desafio, em complemento às políticas linguísticas nacionais, o programa Erasmus+ irá propor testes e ensino à distância nas cinco principais línguas européias.

Mais do que nunca, a preservação e o desenvolvimento da diversidade linguística serão igualmente uma responsabilidade e uma necessidade para desenvolver as trocas com nossos parceiros do mundo inteiro. Trata-se, para nós, de respeitar a complexidade do mundo, e de não conduzi-lo a uma língua única, qualquer que seja o seu grau de funcionalidade.

Isso é possível. É o que eu tentei mostrar, me dirigindo a vocês, caros amigos e colegas brasileiros, mesmo que de maneira imperfeita, na língua que é a sua.

Jacques Comby

Presidente da Université Jean Moulin – Lyon 3

Presidente da Comissão de Relações Internacionais e Europeias

Conferência dos Presidentes de Universidade